

TIAS: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO DA PROFISSÃO DE EDUCADORAS DO MAGISTÉRIO DAS ESCOLAS NO RIO GRANDE DO SUL EM MEADOS DO SÉCULO XX.

ANITA NOVO GARCEZ¹; ANA INEZ KLEIN²

¹Universidade Federal de Pelotas – anita-novo@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anaiklein@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No fim do século XIX, o país encontrava-se em um estado de mudança social, visando sua modernização afastando-se da imagem de colônia. A educação foi um ponto crucial para essa mudança, partindo do princípio de que com uma boa educação se tem uma expansão social do indivíduo.

Apesar de estarem sendo criadas muitas “escolas de primeiras letras” que visavam educar, pelo menos, a leitura, escrita e as quatro operações para as crianças, o país encontrava-se em carência educacional e maior parte de sua população era analfabeta. Surgiram muitas problemáticas em torno dos meios de educação, nossa sociedade situava-se em um período pós abolição e grande maioria da população era rural.

Outro fator presente era a divergência na educação de ambos os sexos, pois além de escolas serem separadas por gênero, suas aulas e matérias lecionadas -as quais iriam moldar a formação desses futuros cidadãos-, não eram as mesmas. Com exceção das matérias básicas, como leitura e matemática; para meninos era lecionado geometria e para meninas bordado e costura, que gerava uma circunstância para que o sexo feminino continuasse exercendo papéis redizados dentro da sociedade.

Uma situação que afetava não só as alunas e futuras cidadãs, como também as professoras, pois nestas escolas separadas também existiam divergências entre os mestres: muitas vezes quem lecionava para meninos eram homens professores, e para meninas, mulheres professoras. O que repercutia no diferente nível salarial, já que para meninos era exigido uma formação mais completa, havendo uma mudança no salário dos professores, beneficiando, em sua maioria, os homens.

Com o país caminhando para o século XX, junto da revolução industrial, e a educação expandindo cada vez mais, a profissão docente foi sendo caracterizada como feminina.

“[...] o magistério era próprio para mulheres porque era um trabalho de ‘um só turno’, o que permitia que elas atendessem suas ‘obrigações domésticas’ no outro período. Tal característica se constituiria em mais um argumento para justificar o salário reduzido- supostamente, um ‘salário complementar’.” LOURO, Guacira L.

Ponto de vista que foi acentuado por teorias de que, a mulher sendo quem gera a vida, e a primeira fonte de educação do ser humano -dentro de casa, com seus filhos-, exerceria um melhor papel de educadora, pois a mulher é tida, socialmente, como “a formadora de futuras gerações”.

Sendo esse um título com uma grande carga de pressão, a educação da mulher acaba perdendo a ligação com as necessidades desta, e o magistério passa a ser visto como uma “extensão da maternidade”. Fato que ganha grande repercussão, quando muitos homens desistem do magistério, para seguir na área industrial.

Essa grande perda de mestres homens para lecionar em escolas de meninos, faz com que sejam abertas as exceções, e professoras mulheres passam a lecionar nestas escolas, porém com algumas regras de conduta arbitrárias.

Um fato importante a observar era que, apesar de terem um começo de formação independente, muitas professoras deveriam desistir de suas carreiras assim que casassem, a profissão fora de casa era tida como um “ofício momentâneo”, até a mulher ocupar seu verdadeiro cargo, como mãe e esposa.

2. METODOLOGIA

As bases constituintes desta pesquisa foram fontes orais interligadas com documentos e livros. Parafraseando o livro Manual de História Oral, a escolha do método que deve ser utilizado em uma pesquisa, depende do seu tema de interesse (ALBERT, 2013). Sendo assim, esta pesquisa que visa comparar a história, memória e identidade de mulheres, professoras aposentadas, tanto como professoras que ainda estão em atuação, na transição do magistério durante o século XX, têm como propósito operar a descrição oral como fonte primária para desenvolvimento da pesquisa.

A fonte oral tem uma função de “instrumento de transmissão de cultura”. Pela desconfiança causada pelo conceito tão comum que é o esquecimento, possui um importante papel dentro desta pesquisa, pois em sua maior parte estas

entrevistas visam buscar a história de um grupo social através de pedaços guardados de memória, onde o esquecimento inclui-se na formação da identidade deste. (SILVA, 2009)

Na parte que diz respeito ao relato oral, entrevistei três ex-professoras, com perguntas que primeiramente tiveram um foco em mulheres que já haviam se aposentado. Partindo do princípio que visa levantar testemunhos da vida social dessas mulheres, as regras de conduta dentro das instituições de ensino, sua formação docente e sua visão de como era o ensino quando lecionava e como o ensino se perpetua atualmente na região sul-riograndense.

Para compreender a linha temporal, em que se passa os relatos das entrevistadas e o tema de interesse, utilizei fontes bibliográficas de autoras brasileiras como Nísia Floresta e Guacira Lopes Louro, e de autores estrangeiros de considerável reconhecimento no campo de gênero, sexualidade e educação, como Joan Scott e Michel Foucault, os quais carregam em suas obras um vasto apoio teórico sobre a desigualdade de gênero.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao interpretar as entrevistas, é perceptível o grande afeto que essas mulheres têm ao relembrar o tempo em que lecionavam, este sentimento que caracteriza o magistério como sendo feminino, pois instituições de ensino possuem uma maior atuação de mulheres “ (...) elas organizam e ocupam o espaço, elas são as professoras; a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pela vigilância e pela educação, tarefas tradicionalmente femininas.” (LOURO; 1997, p.88)

Um aspecto recorrente na profissão era a forma de vestimenta das educadoras. Descrito pela ex-professora Inês, era determinado por seus superiores, junto às normas de condutas, que como funcionária da escola Medianeira, que se vestisse de forma apresentável: saia abaixo do joelho, camisa e blazer, adequando-se a um caráter até mais masculinizado, pois ela deveria apresentar-se em uma situação de poder sobre seus alunos. Também sua higiene era analisada, assim como a forma que apresentava-se em sociedade, esta que deveria ser um exemplo a ser seguido.

Tais testemunhos, em sua maioria, incluem-se de forma precisa na desigualdade de gênero, que caracteriza o processo de feminização do magistério, seja pelo desinteresse salarial, as normas instituídas às educadoras do sexo feminino, e a motivação que as levou a realizar a profissão.

4. CONCLUSÕES

Partindo da citação de Guacira Lopes Louro, “(...)ainda que as agentes do ensino possam ser mulheres, elas se ocupam de um universo marcadamente masculino.” (1997, p.89). Independentemente desta pesquisa encontrar-se em andamento atualmente, concluo, em parte, a viabilidade em perceber através dos relatos sobre a vida profissional e pessoal dessas educadoras, o estímulo que a diferença sexual têm sobre o controle da mulher, caráter que exemplifica o poder ainda predominante na sociedade moderna.(SCOTT, 1998)

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERT, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV; ed. 3ª. 2013.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 1997. p. 89.
- LOURO, Guacira Lopes. Mary del Priore(org.) Mulheres nas salas de aula. In: **História das Mulheres no Brasil**. 10.ed., São Paulo: Contexto. 2018. Cap. 13, p. 443-481.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FLORESTA, Nísia. **O Opúsculo Humanitário (1853)**. São Paulo: Cortez, INEP, 1989.
- SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. p. 26.
Acessado em 31 de agosto de 2018. Online. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf
- SILVA, Kalina Vanderlei; MACIEL, Henrique. **Dicionário de conceitos históricos** – 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.